

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica Class.: 33
 Data: 06/09/94 Pg.: _____

JOSÉ SERÁFICO

Síndrome de modernidade

Enquanto a Universidade do Amazonas diplomava a mais numerosa turma de cientistas sociais que passaram por suas salas, o sociólogo Hélio Jaguaribe ameaçava as populações indígenas com sua eliminação até o ano 2000. Diferentes eram as platéias, diferentes eram também os ambientes em que os dois acontecimentos tinham lugar. Isso não obsta as necessárias e inescandíveis relações que há entre as duas ocorrências. Nem desmente os compromissos e a trajetória dos agentes envolvidos, ainda que situadas a enorme distância, uma da outra. Quanto ao sociólogo renomado, pode dizer-se que apenas ratifica sua preferência por uma espécie de modernidade que nos remete ao passado. Após desfrutar de excelente conceito nos meios acadêmicos e intelectuais, Jaguaribe foi capaz de incríveis acrobacias ideológicas, que acabaram por colocá-lo na equipe de um presidente que resvalava pela marginalidade. Desde aí, começou a ruir o conceito do sociólogo, só esquecido porque um de seus mais ilustres colegas, mais tarde, pediu para

que esquecêssemos tudo por quanto era respeitado e festejado. Desta vez, Jaguaribe falou para uma platéia de militares, no edifício conhecido pelo nome de 'Forte Apache'. Seria demasiado ridículo que essa última circunstância (a da denominação do prédio) tivesse levado o conferencista a defender a extinção dos índios brasileiros. Mesmo sem ter feito fama como antropólogo, impossível que o conferencista desconheça o que diz a Constituição Federal sobre as sociedades indígenas. Outros têm incidido em equívoco, ou porque ignorem o texto constitucional, ou porque não estão obrigados a saber de coisas que um homem de ciências sociais não pode esquecer. A Constituição Brasileira consagra o caráter multinacional do Estado brasileiro. Explicar o que seja nação e Estado não cabe em espaço tão reduzido. Os que têm a mínima noção de cidadania sabem a que me refiro. Aqui, oito jovens receberam seus diplomas de cientistas sociais, quando a opinião pública mal se refizera do susto pregado

pelo ex-acatado cientista social. Contrariamente ao mestre, porém, o orador da turma ratificava o compromisso que não é só dele, nem apenas dos seus colegas formandos, mas de todos os que se pretendem mais conhecedores que os outros das relações sociais: lutar para que sejam excluídos todos os preconceitos, não os índios. No passado, Jaguaribe se deixava encantar pelo discurso supostamente moderno do ex-presidente, a ponto de lutar por aproximar-se dele. Do homem e do discurso. Deu no que deu. Nem assim, o ex-consagrado professor aprendeu. Não fora assim, não confundiria extermínio de nações indígenas com a manutenção de satisfatórias relações entre as diversas nações que habitam o Brasil. Os brancos, inclusive. No outro extremo, em manhã quente de sexta-feira, a modernidade se traduzia na ratificação do compromisso mais moderno que possa haver: o de redimir a sociedade humana, pelo respeito às diferenças e pelo estudo criterioso e despreconceituoso dos problemas de brancos e índios, analfabetos e doutos, pobres e ricos.